

A Leitura do Corpo no Espaço Cotidiano do Século XX

Magda Caino Teixeira¹

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar as diversas formas e contextos da atualidade que permeiam o relacionamento que o indivíduo mantém com o espaço, investigando os reflexos da organização espacial sobre o corpo. Visto que, cada vez mais este se transforma no intuito de experienciar o espaço vivido da pós-modernidade.

Palavras-chave: Espaço, corpo, pós-modernidade.

¹ Fisioterapeuta – Mestre em Desenvolvimento Regional.

The body and its spatial relationship in the 20th century

Abstract: This study has for objective to analyze the several forms and contexts of the present time that permeate the link in which the individual have with the space, investigating the reflexes of the space organization on the body. Because, more and more this becomes the purpose of the experience the lived space of the powder-modernity.

Keywords: Space, body, powder-modernity.

O Espaço Expressivo do Corpo

A vida nos impõe o corpo cotidianamente, é nele e por ele que sentimos, desejamos, agimos e criamos, pensar o corpo hoje é pensar suas performances, seus limites, numa visão que contemple como um dos elementos constitutivos do amplo universo semiótico, no qual se produzem as subjetividades.

No findar do século XX, com o desenvolvimento da tecnociência, se oferece ao sujeito moderno inúmeras possibilidades de modificar seu corpo, tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais de sua estrutura.

Neste contexto, os atuais movimentos de identificação e representação se dão paradoxalmente por meio da transmutação corporal.

Na era industrial, o corpo era manipulado como instrumento de produção, lugar de disciplina e controle.

O novo espectro global de fluxos, redes e imagens é destinado a controlar sobretudo o cidadão consumidor por meio da produção incessante de serviços e desejos. O que se percebe é uma leitura do corpo disciplinado pelas regras da estetização geral da sociedade, em que o corpo está em cena, sem que haja qualquer possibilidade de predizer o futuro e seus limites.

Com o paradigma da racionalidade moderna, o corpo passa a constituir-se um objeto de controle, no qual o espaço mantém com o indivíduo uma conexão interativa em que, “as relações de poder agem sobre o corpo de forma imediata: investem-no, marcam-no, vestem-no, suplicam-no, aprisionam-no ao trabalho, obrigam-no a cerimônias em relações complexas e recíprocas.” (Villaça, 1998, p. 44).

Os espaços que tentamos criar podem rapidamente nos ser tomados e usados para nos controlar. Sabemos, conforme Tuan (1983, p. 3), que lugar é segurança, indica uma certa estabilidade, enquanto

que espaço é liberdade, porém ao explorarmos este espaço em busca de experiências, o corpo manifesta-se de diversas formas em decorrência de seus valores ético-políticos, podendo revelar uma personalidade, uma cultura e, por extensão uma sociedade.

Concepção da Beleza Corporal nos Diferentes Momentos da História

Torna-se importante refletirmos sobre as condições históricas de formação dos modelos de estética corporal, salientando seu papel no cenário social no decorrer do tempo.

Nas sociedades primitivas a beleza feminina não pôde beneficiar-se de homenagens exclusivas, pois... “ a condição de mulher foi identificada com a fecundidade, (...) mulher infecunda era desprezada por tornar impossível o cumprimento de descendência.” (Lipovetsky, 2000, p. 106).

Nesse contexto, a idolatria social da beleza feminina não surgiu, em função do risco de instituir sua ascendência sobre os homens, ou de escapar ao controle da ordem coletiva, visto que as atividades nobres e valorizadas eram exercidas pelos homens, cabendo às mulheres a função de assegurar um papel de reprodutoras.

Para que surgisse a valorização da beleza, foi necessário ocorrer a divisão social entre classes ricas e pobres, nobres e laboriosas, tendo como correlato uma categoria de mulheres isentas de trabalho. (Lipovetsky, 2000).

Assim, as longas horas de ociosidade de que dispunham as mulheres de classes superiores, foram dedicadas para maquiarem-se, enfeitarem-se e fazerem-se belas, a fim de distraírem-se e agradarem a seus maridos.

Desde a antiguidade grega e depois romana, associa-se a cultura do belo revelando a mulher em busca do embelezamento próprio, simultaneamente, aparecem critérios que levam a considerar belas apenas mulheres desprovidas de trabalho. Lipovetsky (2000, p. 108) confirma isto quando exprime que:

...o emprego das pinturas, penteados sofisticados, enfeites luxuosos, espartilhos e saltos altos são códigos ou artifícios destinados a marcar uma posição social superior que revelam os laços que unem o culto da beleza feminina e os valores aristocráticos, (...) a cultura do belo sexo exigiu a desigualdade social, o luxo e o desprezo pelo trabalho produtivo.

Ser bela era apresentado como uma obrigação para as mulheres de classes superiores.

Entre o século XVI e final do século XVIII a aparência ostentou um sinal de poder. Os tecidos, os acessórios implicaram na construção das diferenças estéticas entre o masculino e o feminino. Para Duby (1991, p. 126) “a beleza é um dom, um dado de identidade tão objetivo como a fortuna ou a educação.”

Diante desta premissa, a beleza, para este autor, é mencionada como um sinal de graça, uma dádiva que vem completar outras vantagens como cultura e virtude, que um bom nascimento fazia prever.

Em contrapartida, diz que a “fealdade feminina” não interessará, portanto, nem ao romancista, nem ao moralista, nem ao sedutor, porque para além de sua indistinção sociológica, ela escapa aos olhares identificadores da época, tanto na cena cultural quanto social. (Duby, 1991, p. 127).

A distância entre o espaço corporal íntimo e o espaço social público aumentou no Ocidente, desde o final da Idade Média. No século XIX o processo de domínio de si próprio, o silêncio, a imobilidade, foram temas que caracterizaram a pedagogia das posturas deste período.

Qualquer excesso de atributos visíveis, como uma simples flor no cabelo, tudo o que atraísse pelo vistoso, atribuíam táticas de sedução (Duby, 1991).

As homenagens artísticas à mulher e as práticas estéticas até o fim do século XIX, quase não ultrapassaram os limites do público rico, a celebração do belo conservou sua dimensão elitista. Essa lógica, porém, não é a que nos rege.

Atualmente, a publicidade, o cinema, a fotografia da moda, propagam as normas e as imagens “ideais”, exaltando o corpo com suas formas sinuosas, tendo se definido o uso de produtos cosméticos de um modo geral, em todas as camadas sociais; não há limites naturais de idade, pois com a cirurgia estética e os produtos para cuidar da beleza, trata-se de triunfar sobre os desfavores físicos e as injúrias do tempo.

Durante séculos, como bem observa Lipovetsky (2000, p. 129), a glorificação do belo foi a obra dos poetas e dos artistas, de agora em diante ela é própria da imprensa, das indústrias do cinema, dos progressos científicos, da massa de imagens e da mercantilização da beleza.

A arte repõe modelos de modo a ressaltar as formas do corpo, em que a expressão corporal se torna fundamental, substituindo muitas vezes a palavra, “como se nada além da auto-imagem merecesse atenção no mundo” (Codo, p. 19).

A inflação dos cuidados estéticos com o corpo é a conjunção de todos esses fenômenos já enunciados, que estabelecem a idéia da vivência de um novo momento na história da beleza.

As Fronteiras do Corpo na Sociedade

A organização do espaço se tornou o problema estético basal da cultura da metade do século XX. Harvey (1989) atribuiu a mudança pós-moderna a uma crise de nossa experiência do espaço e do tempo,

crise na qual categorias espaciais vêm dominar as temporais, ao mesmo tempo que sofrem uma mutação de tal ordem que não conseguimos acompanhar.

Na visão de Villaça (1998, p. 73) “a velocidade das transformações contemporâneas fazem com que cada vez mais o espaço não seja visto como algo de exterior ao sujeito; seu cenário, passa a ser elemento constitutivo de sua estruturação.”

Percebemos, então, que tudo chega sem que seja preciso partir, a chegada supera a partida, com isso ocorre uma fratura das formas únicas e conseqüentemente criam-se vários espaços.

Assim, no entendimento de Virilio (1993) ocorre um desequilíbrio entre a informação direta (dos sentidos) e indireta (meios de comunicação). A câmera tornou-se nosso melhor inspetor, o progresso nos permite comunicações à distância sem a necessidade da proximidade física.

Ainda salientado pelo mesmo autor,

As mediações tecnológicas provocando a telepresença tentam nos fazer perder definitivamente o próprio corpo em proveito do amor desmesurado pelo corpo virtual (...) há uma ameaça considerável de perda do outro, de declínio da presença física em proveito de uma presença imaterial e fantasmática (Virilio, 1993, p. 45).

Dessa forma, um dos problemas da realidade virtual é negar o aqui em proveito do agora. Houve uma perda da inscrição espacial e do contato físico.

Um exemplo disso foi uma reportagem extraída da Zero Hora (Rocha, 2000), retratando o comportamento de cônjuges traídos via internet, que estão entrando na justiça com pedidos de divórcio litigioso, alegando terem se tornado “cibercornos”, onde jogos eróticos em bytes, sexo virtual com amantes eletrônicos passaram a fazer parte do cotidiano dos casais.

Torna-se difícil de ilustrar este mundo imaginário, de realizar uma redefinição a respeito do tempo, espaço e das dimensões disformes que balizam o relacionamento entre os corpos.

Em suma, Guattari apud Villaça (1998, p. 79) contempla os pressupostos já discutidos quando afirma que:

Os componentes de subjetividade social, maquínica e estética nos asse-diam literalmente por toda parte, desmembrando nossos referenciais, engajando nossos órgãos sensoriais, nossos fantasmas, nossas funções orgânicas num mundo tecnocientífico que cresce em descompasso com a programação arquitetural e urbanística.

Com este desenvolvimento desenfreado enfrentamos uma certa dificuldade de demarcação dos limites de nosso corpo no espaço, talvez pelo fato deste, contrariar a evolução natural, na qual o mundo após o nascimento é experimentado a partir das sensações e percepções de nossa individualidade física.

As Diferentes Formas de Dividir o Espaço

No mundo globalizado estamos passando por uma fase de desterritorialização, não temos mais um ponto de referência exato, é cada vez mais notório que tudo porém, “é uma questão de espaço (físico, geográfico, sócio-político, econômico e psicológico)” (Soares, 1997).

A única certeza que dispomos é a “incerteza”, dentro de nossa própria casa a mídia audiovisual com seus fragmentos interruptos de imagens, nos coloca em contato com localidades hiperdistantes, o que desafia a compreensão do homem em relação ao presente.

As maneiras de dividir o espaço variam imensamente em complexidade e sofisticação, como bem observa Tuan (1983, p. 39) “pessoas de diferentes culturas diferem-se na forma de dividir o mundo, de atribuir valores às suas partes e medí-las.”

Contudo, o homem é a medida de todas as coisas (divisão, localização e distância). A organização espacial ocorre nas relações entre as pessoas, em que o sujeito ordena seu espaço existencial a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas (Tuan, 1983).

Acreditamos que em decorrência desta particularidade é que surgem diferentes leituras e atribuições à valores distintos, num mesmo espaço, pois sabe-se que o espaço é articulado a partir do esquema corporal.

Em função da inexatidão nos circuitos de dinheiro, da informação da comunicação, da vida, e conseqüentemente da globalização ocorreu uma desarticulação do sujeito. Por este não conhecer mais o seu lugar no mundo, estamos enfrentando um desafio o qual exige um rompimento com o marasmo e com referenciais ultrapassados que há muito tempo se instalaram nas Ciências Humanas.

O Corpo que Trabalha, Efeitos do Poder Sobre Ele

Fazer uma análise sobre o processo e organização do trabalho, permite esclarecer que este em si não é nocivo e perigoso, porém pode assumir estas características, exatamente pela forma como é composto pelo próprio homem. Compreende-se isto na fala segundo a qual, “se o trabalho fosse livremente escolhido e sua organização flexível, o trabalhador poderia adaptá-lo a seus desejos, às necessidades de seu corpo e às variações de seu espírito”, o que possivelmente tornaria o trabalho tolerável e até mesmo favorável à saúde física e mental do trabalhador sempre que realizado em outras condições não impostas como as atuais (Rocha, 1993, p. 141).

Um dos pensamentos mais férteis a propósito das relações de poder e controle foi o de Foucault (1977) a partir da publicação de *Vigiar e Punir*, ele demonstra que a política burguesa é, sobretudo, uma tecnologia política do corpo, uma “apropriação do corpo”. O in-

vestimento político dos corpos produz uma microfísica do poder que é definida pelo pensador com um mergulho do corpo no campo político. Ressalta ainda que o poder não é localizado, ele está em toda parte, não é centralizado, portanto é multifacetado e age em várias instâncias.

O corpo tornou-se aquilo que está em jogo, uma identidade que funciona pela mutação e performance (desempenho).

Diante da forma de organização das relações de produção na sociedade capitalista, há alienação do corpo, este é usado como uma máquina a serviço da produção do capital, gerando uma “mutilação humana”, tendo o sistema de organização e de administração social o poder de determinar os níveis de saúde de uma sociedade.

Ao homem como um transformador do mundo, cabe reconhecer “os limites do seu próprio corpo”, para que não deixe fragmentá-lo em movimentos especializados reduzidos a simples gestos mecânicos e repetitivos.

Quando o Corpo Fala...

O esquema corpóreo transborda dos próprios confins anatômicos para colocar-se em contínua relação com os corpos dos outros, no intuito de viver e agir no espaço no qual está inserido, Bettanini (1982, p. 115) abraça esta idéia dizendo que:

É no espaço que se desenvolvem tanto nossa vivência pessoal como coletiva, a vida estende-se no espaço, sem que para isso tenha extensão geométrica propriamente dita (...) o espaço é tão indispensável quanto o tempo para a expansão da vida.

Portanto, é no espaço que as coisas acontecem, nosso corpo é um campo expressivo, ele revela um espaço e um tempo vivido. Por meio dele o homem sabe seus limites tanto de ordem biológica quanto psicológica. Sérgio (1981, p. 32) compreende o corpo “como um organismo, uma totalidade, na qual qualquer delimitação é artificial e cada expressão é um fenômeno dessa totalidade.”

O corpo constitui o nosso primeiro e mais importante ponto de referência e de relação, é a partir da pele que se abre a fronteira entre o Eu e o Mundo, “a pele é o limite do corpo”, (...) ela estabelece uma concentração de acontecimentos externos na sua superfície, privilegia uma certa forma no espaço: o lugar do meu corpo (Bettanini, 1982, p. 124).

Na teia das relações sociais, a pele constitui o suporte de múltiplos canais de informações, é pelos seus receptores que mantém conexões com o meio externo.

Assim o corpo torna-se um emblema dos processos sociais, um reflexo do viver cotidiano passível de diferentes leituras, a ele, “aplicam-se sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida.” (Alves, 1994, p. 101).

Qualquer alteração nas atividades normais, percebemos manifestações biológicas, caracterizadas como respostas desagradáveis (cansaço, fraqueza, mal-estar, dor, alterações posturais, *stress*, etc.)

Conforme é preconizado por Alves (1994), o corpo pode ser tomado como um suporte de signos, capaz de transmitir sinais variados, resultantes da inter-relação entre o corpo e o espaço.

Também Brito (1996, p. 45) vem de encontro a este pensar, quando afirma que “o organismo, através das atitudes, de cada gesto, posturas e maneirismos, fala uma linguagem que antecede e transcende sua expressão verbal”.

Com base nestes pressupostos, a tese que subjaz a este estudo explicita o conceito da medicina psicossomática de que o organismo vivo se expressa mais claramente no momento do que através de palavras.

Os Reflexos da Sociedade de Consumo Sobre o Corpo

Estamos num momento em que as representações de beleza clássicas, dominadas pela função poética, cederam o passo amplamente às imagens prescritivas de uma beleza publicitária, eufórica, “comandada por um espírito de programa e de desempenho estético” (Lipovetsky, 2000, p. 183)

Vivemos perante a incontestável re-descoberta do prazer, voltamos todos a dedicar a atenção ao nosso próprio corpo. A corpolatria gerou uma proliferação de casas de cultura física, onde os pressupostos dos adeptos variam, objetivam: explorar a sexualidade corporal, atingir o modelo padrão de beleza que a mídia nos apresenta, buscar um bem-estar físico e mental, como se nada além da auto-imagem merecesse atenção no mundo. (Codo, S.d.).

Este culto do corpo que atualmente assistimos, esta “civilização do erótico, esta luxúria, este strip-tease social maciço é o espetáculo do corpo-mercadoria” (Sérgio, 1981, p. 29).

O consumismo exacerbado entra em cena, no intuito de explorar o corpo para que o espaço por ele ocupado seja aproveitado em todas as suas dimensões. Com o desenvolvimento das ciências biológicas, possibilitaram ao sujeito moderno oportunidades de modificar tanto a sua aparência quanto os elementos fundamentais de sua estrutura.

Em função da turbulência de imagens recebidas diariamente, perdeu-se a idéia de valorizar as virtudes pessoais, o que importa é a ditadura da moda, a formação das tribos urbanas, onde o corpo é visto meramente como um instrumento na aquisição do direito à cidadania e ao consumo. (Villaça, 1998).

Levy apud Villaça (1998, p. 85) concorda com este dizer, afirmando que “o corpo contemporâneo é comparado a uma chama isolada e minúscula, intensificada pelo esporte, drogas, ou pelas redes de comunicação.”

Para o autor, o corpo é a atualização temporária de um enorme hipercorpo híbrido, social e tecnológico.

Em decorrência do modelo social vigente, o homem é “livre” para construir sua própria identidade, porém, infelizmente, aprisiona-se em busca da aparência desejável, tendo a ilusão de enquadrar-se aos padrões estéticos de uma sociedade de consumo.

O Corpo Esculpido pela Modernidade

Com base no breve referencial teórico sobre os novos desafios contemporâneos, podemos vislumbrar um cruzamento paradoxal de duas linguagens: a racionalista, com seu viés tecnológico, e a exploração das imagens, onde o corpo apresenta-se não apenas como um veículo de aparência enganosa, mas também como um lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, via pactos estéticos, que celebram o prazer, o consumo, a criatividade e o humor.

O avanço da biogenética, da farmacologia, conjugado à ação da mídia impressa e eletrônica, procurou transformar indivíduos em verdadeiras “fábulas corporais” que, em busca de uma identidade via mutação e performance, acabaram perdendo as fronteiras do próprio corpo.

Entretanto, a questão é sabermos como habitar num mundo globalizado, tão diverso daquele que o antecedeu. Qual seria a melhor maneira de nos comportarmos diante das metamorfoses cotidianas e incessantes, sendo que o espaço da modernidade nos induz a voar alto e rápido, e não se torna fácil reduzirmos a marcha, quando todo mundo ao redor está correndo.

Sabemos que a sociedade de consumo tem o poder de assegurar aos sujeitos a obtenção da aparência desejável.

Portanto, o corpo torna-se passível de diferentes leituras sendo capaz de manifestar-se de diversas maneiras ao utilizar e explorar seu espaço.

Referências

- ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. de S. *Saúde e Doença: um olhar Antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- BETTANINI, T. *Espaço e Ciências Humanas*. Tradução de FERNANDES, L. L., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BRITO, C. L. C. *Consciência Corporal*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1996.
- CODO, Wanderley; SENNE, W. A. *O que é corpo (latría)*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A. Coleção Primeiros Passos. 155. [s.d.]
- DUBY, George; PERROT, M. *História das Mulheres do Renascimento à Idade Moderna*. Edições Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução SOBRAL, A. U.; GONÇALVES, M. S. Edições Loyola, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher; permanência e revolução do feminino*. Tradução MACHADO, M. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROCHA, L. E. (Org). *Isto é Trabalho de Gente? Vida, doença e trabalho no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1993.
- ROCHA, Patrícia; *Sexo Virtual, traição real*. Zero Hora, Porto Alegre-RS, 03 de set.2000. Revista ZH Donna, p. 12-13.
- SÈRGIO, Manuel. *Filosofia das Atividades Corporais*. Compendium, 1981.
- SOARES, Holgonsi. *Globalização-sobre a desterritorialização*. Jornal A Razão, Santa Maria – RS, 27 de jun. de 1997. Depto de Sociologia e Política-UFSM. Acesso em: 23/08/00. Disponível em: <<http://www.angenire.com/sk/holgonsi/index.gdesterrito.html>>.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- VILLAÇA, Nízia. *Em nome do corpo*. Fred Góes. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed34, 1993.